



LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FLÁVIA CRISTINA XAVIER DE ALMEIDA

**CANTAR E CANTAR E CANTAR, A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ: O
QUE DIZER SOBRE OS CONHECIMENTOS MUSICAIS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL?**

**JAGUARÃO
2015**

FLÁVIA CRISTINA XAVIER DE ALMEIDA

**CANTAR E CANTAR E CANTAR, A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ: O
QUE DIZER SOBRE OS CONHECIMENTOS MUSICAIS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL?**

**Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
licenciatura no curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Pampa-
UNIPAMPA.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a Silvana Aranda

**JAGUARÃO
2015**

FLÁVIA CRISTINA XAVIER DE ALMEIDA

**CANTAR E CANTAR E CANTAR, A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ: O
QUE DIZER SOBRE OS CONHECIMENTOS MUSICAIS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL?**

**Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
licenciatura no curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Pampa-
UNIPAMPA.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a Silvana Aranda

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado no dia ___/___/___

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Silvana Aranda
Orientadora – Unipampa

Prof^a Lisiane de Armas

Prof^a Dr^a Jane Pereira Schumacher – Unipampa

AGRADECIMENTOS

Inspirada pela música de Gonzaguinha, “o que é, o que é?”, resolvi fazer meus agradecimentos.

Agradeço a meu pai e minha mãe (in memoriam) pelas batidas de meu coração e por todos os conhecimentos que me ajudaram a construir, inclusive o de que não devemos ter a vergonha de ser feliz.

Agradeço aos professores, por terem, ao longo do curso, me feito acreditar mais e mais na beleza de sermos eternos aprendizes.

Agradeço aos colegas maravilhosos que tive a honra de passar este período de minha vida, interagindo, discutindo, analisando, sorrindo com nossas alegrias e sofrendo com nossos lamentos.

Agradeço a Deus, pela saúde e pela sorte de ter encontrado tantas pessoas especiais ao longo do curso.

Agradeço especialmente à professora Silvana Aranda, por suas orientações sempre primorosas. E às crianças, pela pureza de suas respostas.

Agradeço aos funcionários, amigos, parentes, enfim, a todos que de alguma forma ajudaram-me a percorrer este caminho de muitas lutas e grandes prazeres. Foi graças à ajuda de todos que consegui chegar até aqui e com a ajuda de vocês, minha vida com certeza tornou-se muito mais bonita.

Obrigada!

RESUMO

Esta é uma pesquisa qualitativa que visa verificar como a música é trabalhada em uma escola de Educação Infantil do município de Jaguarão. A bibliografia conta com autores que direcionaram sua obra para este tema e a metodologia parte da observação participante nas salas de aula e entrevista semiestruturada com os docentes das mesmas. Apresenta um breve histórico sobre a música e a infância e narra como o tema é abordado nas turmas observadas. Concluiu-se que as docentes não se sentem preparadas para o trabalho nesta área e ainda utilizam a música da maneira criticada por autores e referenciais. Apresenta alguns aspectos importantes para a prática da musicalização e sugere autores que demonstram perspectivas para esta área.

Palavras-chave: Ensino. Educação Infantil. Música. Musicalização.

CURRÍCULUM

Se trata de una investigación cualitativa que tiene como objetivo determinar cómo se hace a mano de la música en una escuela de jardín de infantes de ciudad de Yaguarón. La bibliografía incluye autores que dirigen su trabajo a este tema y la metodología de la observación participante en las aulas y entrevistas semi-estructuradas con profesores de la misma. Se presenta una breve historia de la música y de la infancia y relata cómo el tema se aborda en las clases observadas. Se concluyó que los profesores no se sienten preparados para trabajar en esta área y todavía utilizan la música de la manera criticado por autores y referencias. Presenta algunos aspectos importantes de la práctica de la educación musical y sugiere autores que demuestran las perspectivas de esta área.

Palabras clave: Educación. Educación Infantil. Música. Musicalización.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	A MÚSICA E A INFÂNCIA: BREVE HISTÓRICO.....	7
3	METODOLOGIA	10
4	O QUE O COTIDIANO REVELA SOBRE A MUSICALIZAÇÃO NAS SALAS DE AULA PESQUISADAS?.....	11
5	CONCLUSÕES DE PESQUISA.....	18
	REFERÊNCIAS.....	24
	ANEXOS.....	26

1 INTRODUÇÃO

Durante o curso de Pedagogia, através das leituras e análises realizadas, percebi a importância que a música teve em minha vida pessoal. Com a busca de minhas memórias de infância, principalmente, descobri que através da música e com ela, pude descobrir e avançar em grande parte de meus conhecimentos. Além disso, meus irmãos, que também gozaram da mesma iniciação musical desde muito cedo, também têm a mesma facilidade em construir algumas aprendizagens e grande parte de seus conhecimentos, se não adquiridos pela música, foram através dela, ou a partir dela.

Nesse sentido, foi possível perceber que desenvolvemos nossa motricidade, oralidade, corporeidade, obtivemos conhecimentos de ciências humanas e exatas, entre outros, que a música nos levou a adquirir, quando, por exemplo, tivemos a curiosidade em descobrir algo mais sobre aquilo que o(a) compositor(a) fala na letra de uma música. Quando o pensamento dele ou dela não encaixava muito bem no nosso, ficávamos pensando o que o(a) autor(a) quis dizer e íamos atrás, para desvendar o mistério, e com isso, acabamos descobrindo e redescobrimos a obra deste(a) e a cada vez que ouvimos e/ou cantamos aquela música, é como se a emoção do(a) autor(a) fosse um pouco nossa, pois já fazemos parte da sua história e ele(a) da nossa, mesmo sem saber. Segundo Piva:

A música é uma expressão artística que faz parte da cultura e da formação do indivíduo. Musicalizar é desenvolver o senso musical dos alunos, a expressão, o ouvido, o ritmo e a sensibilidade, isto é, proporcionar a vivência no mundo da música (PIVA, 2008, p. 3106).

Entretanto, apesar dos documentos legais e construtos teóricos que apontam a importância do trabalho com a musicalização, acredito que essa não é a realidade que encontramos na maioria das salas de aula. Durante o estágio obrigatório e nas observações realizadas no decorrer do curso, pode-se perceber que a música é pouco trabalhada didaticamente, principalmente na educação infantil. Na maioria das vezes, esta é utilizada de maneira repetitiva, provavelmente sem significado e sem que as crianças tenham algum avanço de conhecimento com relação às músicas executadas cotidianamente nas salas de aula. Ainda segundo a autora:

A criança necessita vivenciar a música em sua vida para aprender a pensar, incluir e sentir os sons, para desenvolver a sensibilidade musical, além do desenvolvimento da capacidade auditiva (PIVA, 2008, p. 3109).

Com isso e por isso, iniciei minha linha de pensamento e investigação, buscando descobrir como outras escolas de educação infantil da rede municipal de Jaguarão trabalham com os conhecimentos musicais, e se o que diz e/ou sugere o referencial vigente sobre o ensino de música nas escolas, principalmente de Educação Infantil está sendo levado em conta.

Para tanto, minha bibliografia conta com alguns autores e pesquisadores que direcionaram sua obra para o uso da música nas salas de aula de Educação Infantil. No corpo deste texto, procurarei evidenciar como a música pode ajudar no desenvolvimento das diversas áreas de conhecimento, além do deleite que sempre é possível através do conhecimento e desenvolvimento das Artes em nosso cotidiano.

2 A MÚSICA E A INFÂNCIA: BREVE HISTÓRICO

A música, historicamente está associada à várias culturas e de diversas formas. Segundo Cabeças (2010), os gregos, nos primórdios, foram um dos primeiros povos a usar a música como formadora e naquele país surgiram as primeiras preocupações com a pedagogia da música.

Ainda segundo a autora, no Brasil as primeiras manifestações musicais foram trazidas pelos Jesuítas, que não tinham seu foco na educação do povo, mas sim a catequização dos indígenas, que também já possuíam suas próprias canções.

Aos poucos, as músicas foram sendo introduzidas nas escolas, principalmente através do teatro, mas apenas no século XIX foi criada a primeira lei a regulamentar o ensino de música no país. Segundo Amato (2006) apud Cabeças:

Um decreto de 1854 regulamentou o ensino de música no país e passou a orientar as atividades docentes, enquanto que, no ano seguinte, um outro decreto fez exigência de concurso público para a contratação de professores de música (CABEÇAS, 2010, p. 16).

Entretanto, como ainda acontece, a grande dificuldade foi encontrar professores qualificados para este ensino na maior parte do país. À medida que a escola ia sofrendo as periódicas mudanças, o ensino de música no país igualmente seguiu as mesmas. Na educação tradicional, apenas era priorizado um repertório de cantigas de roda; durante a Escola Nova, em plena ditadura militar, privilegiavam-se os cantos que exacerbassem o sentimento nacionalista; na era tecnicista, a música dividiu-se entre teoria e prática, visando principalmente formar pequenos músicos. Atualmente, há uma preocupação maior com o desenvolvimento da musicalidade, a representação dos sons e a utilização da música por ela mesma, estabelecendo vínculos com o meio e a cultura dos sujeitos que a estão vivenciando, promovendo assim, o desenvolvimento da linguagem musical dos sujeitos¹.

A Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e bases da Educação, tornando obrigatório a partir de 2012 o ensino de música em todas as escolas de Educação básica do país². Entretanto, não exige a formação especializada para a atuação nesta área. Além disso, o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (RCNEI) postula que:

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (Brasil, vol. 3, 1998, p. 45).

Há músicas de ninar, músicas festivas, religiosas, solenes, entre outras, que apresentam diversos usos e tem funções diferentes em nosso cotidiano. Fabricia Piva diz que: “A história da educação musical está associada à cultura da humanidade. Como a cultura é dinâmica, a música apresenta múltiplos usos e funções, sendo investida de diferentes significados” (PIVA, 2008, p. 3106).

¹TOZETTO, Anita Henriqueta Kubiak. **Educação musical: a atuação do professor na educação infantil e séries iniciais**. Curitiba: UTP, 2005 apud CABEÇAS (2010).

² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm. Acessado em: 28/04/2015.

A criança, também se desenvolve de forma dinâmica, participando de todo o processo de aprendizagem. Porém, essa maneira de aprendizagem só foi reconhecida e evidenciada principalmente a partir do século XX, com as teorias de desenvolvimento de teóricos como Piaget, Vygotsky e Wallon, que tentaram enfatizar que a criança se desenvolve a partir da interação, ou seja, a partir das trocas que um sujeito faz, seja com outros sujeitos, com objetos, sons e com todo o universo a sua volta. De acordo com Souza e Joly:

Independente do seu papel dentro da sociedade, a música exerce forte atração sobre os seres humanos, fazendo mesmo que de forma inconsciente, que nos relacionemos com ela, muitas vezes quando a ouvimos começamos a nos familiarizar, movimentando o corpo ou cantarolando pequenas partes da melodia. As crianças quando brincam ou interagem com o universo sonoro, acabam descobrindo mesmo que de maneira simples, formas diferentes de fazer música (SOUZA e JOLY, 2010, p. 98).

Convivendo com a música, a criança pode desenvolver inúmeras capacidades, por isso, o RCNEI enfatiza o quanto é necessário e benéfico para o desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças o trabalho com esta. Através das interações com a música, as crianças começam a desenvolver a imitação de sons e assim, sua oralidade. Além disso, este referencial diz também que:

Em princípio, todos os instrumentos musicais podem ser utilizados no trabalho com a criança pequena, procurando valorizar aqueles presentes nas diferentes regiões, assim como aqueles construídos pelas crianças. Podem ser trabalhadas algumas noções técnicas como meio de obter qualidade sonora, o que deve ser explorado no contato com qualquer fonte produtora de sons (Brasil, vol. 3, 1998, p. 60).

Portanto, valorizar o meio e a cultura da criança também é essencial para que todos aprendam com e através de sons que são significativos, pois fazem parte de seu cotidiano.

O desafio que se coloca agora é tentar coletar dados que nos permitam verificar se esses pressupostos teóricos se convertem em práticas pedagógicas significativas no que tange a educação musical nas salas de aula pesquisadas.

3 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica seguindo a seguinte linha: Leitura de reconhecimento (leitura prévia); Leitura exploratória e seletiva (seleção de material); Leitura reflexiva e interpretativa (interpretação das ideias dos autores e relação com o problema proposto).

Esta é uma pesquisa qualitativa que teve como instrumentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada³ com docentes de pré I e pré II de uma EMEI da cidade de Jaguarão/RS. No que se refere à entrevista semiestruturada Martins e Bógus, postulam que:

A entrevista semi-estruturada é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do entrevistado (MARTINS e BÓGUS, 2004, p. 50).

As informações foram coletadas também através da observação participante em sala de aula e conversas informais com as docentes, procurando assim, responder às questões vinculadas à pesquisa. Para Queiroz, Vall, Souza e Vieira (2007):

A observação participante é uma das técnicas muito utilizadas pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação (QUEIROZ, VALL, SOUZA e VIEIRA 2007, p. 278).

³Em anexo.

4 O QUE O COTIDIANO REVELA SOBRE A MUSICALIZAÇÃO NAS SALAS DE AULA PESQUISADAS?

Ao apresentar-me na escola pesquisada, conversei apenas com a coordenadora sobre o tema que abordaria, observei as dependências e ambientes da escola e procurei ambientar-me naquele espaço. Ao comunicar para as professoras sobre a observação, a coordenadora não mencionou o tema de minha pesquisa.

Quando cheguei para observar as salas, me apresentei e fiquei observando o ambiente: o lugar, os materiais e os cartazes expostos, entre outros. No primeiro dia de pesquisa observei que em uma das salas não havia nenhuma música exposta. Nas paredes da mesma, haviam vários cartazes, com letras, números, expressões faciais e de polidez, partes do corpo, mas nenhuma música. Isso me causou certa estranheza, visto que, as aulas já haviam começado há mais de um mês.

A primeira música cantada pela professora e alunos nesta observação foi: “Para escutar o som do mosquitinho pegue a chavinha e tranque a boquinha...” demonstrando como a música é utilizada para determinar alguns comportamentos esperados, como evidencia Funks (1991)⁴, citado por Maffioletti.

Esse é um típico uso da música como recurso na educação, há tanto tempo criticado, mas incrivelmente vigente em todas as escolas. Estudos mais detalhados sobre o assunto revelam que a presença desse tipo de prática musical é uma forma camuflada de a escola exercer seu “poder-pudor”. Ou seja, a escola desenvolve mecanismos disfarçados de comando, para manter o controle do tempo e do espaço e, assim, preservar a tradição de fazer-se obedecer (MAFFIOLETTI, 2001, p. 134)

No mesmo dia, a professora apresentou um vídeo sobre a “verdadeira história da Páscoa”, apesar da laicidade do Estado. Neste vídeo cantava-se uma música que dizia: “Jesus ressuscitou”; logo pensei: Mas será que eles sabem o que é ressuscitar?

⁴ FUKS, Rosa. **O discurso do silêncio**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991

Minha dúvida logo foi esclarecida, pois uma menina perguntou para a professora o que era isso. Pareceu difícil para ela elaborar uma resposta, pois talvez, ela mesma ainda não tivesse refletido sobre isso ou em uma forma de explicar isso de maneira que as crianças entendessem, visto que, nem mesmo alguns adultos entendem direito como isso acontece ou aconteceu. Por fim, acredito que eles não ficaram muito convencidos com a resposta e ficaram em dúvida quando a docente perguntou se Jesus estava vivo ou morto. De acordo com Lino:

A aprendizagem musical deve ser considerada do ponto de vista da criança, propondo a compreensão da linguagem musical a partir da reconstrução que ela realiza. Nesse sentido, a aprendizagem é assegurada pela estruturação cognitiva das hipóteses espontâneas que a criança constrói quando elabora seu conhecimento musical. Pensando assim, resgatamos o papel da criança como construtora de conhecimento e autora de seu próprio discurso, do professor como interventor no processo educativo e da escola como o lugar deste acontecer lúdico, mediado pelo ser afetivo e social que é a criança. (LINO, 2005, p. 68)

Também viram um vídeo com a música Coelhinho (De olhos vermelhos)⁵, em virtude da Páscoa que se aproximava, cantaram e repetiram os gestos da professora, o que fortalece o que foi postulado pelo RCNEI.

Mesmo que as formas de organização social e o papel da música nas sociedades modernas tenham se transformado, algo de seu caráter ritual é preservado, assim como certa tradição do fazer e ensinar por imitação e “por ouvido”, em que se misturam intuição, conhecimento prático e transmissão oral. (Brasil, 1998, p. 47e 48)

Na hora de sair, conversei com ela sobre o tema da pesquisa e perguntei se ela concordava em fazermos uma entrevista na minha próxima visita. Como sua resposta foi positiva, me despedi e saí.

No dia em que retornei a esta sala, visualizei na parede duas letras de músicas impressas em papel ofício e dispostas ao lado do cartaz dos numerais. O que faz lembrar Rubem Alves, quando afirma que:

⁵ Em anexo.

Todo conhecimento se situa sobre um tabuleiro de xadrez. Há uma confrontação em jogo. Não há observadores. Querendo ou não, somos peças que são manipuladas e, ao mesmo tempo, peças que querem influenciar o desenrolar da partida. (ALVES, 2010, p.100)

Mal cheguei e um aluno pediu para cantarem a música dos indiozinhos⁶a qual ele já sabia de cor, fazia os sinais representativos aos números até dez com as mãos e cantava fervorosamente, os outros ficavam olhando para suas mãos e tentando repetir os seus gestos, balançando-se e fazendo o movimento do jacaré e da canoa. Esta era uma das músicas que foi colocada na parede, quando terminaram de cantar a professora virou-se para mim e disse que esta era uma de suas musiquinhas e apontou para a parede onde estavam expostas. Quanto a isso, o RCNEI diz que:

É muito importante brincar, dançar e cantar com as crianças, levando em conta suas necessidades de contato corporal e vínculos afetivos. Deve-se cuidar para que os jogos e brinquedos não estimulem a imitação gestual mecânica e estereotipada que, muitas vezes, se apresenta como modelo às crianças. (Brasil, vol. 3, 1998, p. 59)

A seguir, outro aluno pediu para cantarem “o sapo não lava o pé”⁷ cantaram e riram muito do sapo, depois uma aluna disse que sabia a música do sapo cururu e a cantou, praticamente sozinha, pois muitos não a conheciam. Sobre as produções musicais de cada região, o mesmo referencial postula que:

A produção musical de cada região do país é muito rica, de modo que se pode encontrar vasto material para o desenvolvimento do trabalho com as crianças. Nos grandes centros urbanos, a música tradicional popular vem perdendo sua força e cabe aos professores resgatar e aproximar as crianças dos valores musicais de sua cultura. (Brasil, vol. 3, 1998, p. 65)

Neste dia ficou evidente a preocupação da professora em mostrar “suas músicas”, ou que as crianças gostam de música e pedem para cantar. Porém, nada mais foi feito, não vi mais nenhuma menção ao que a música dizia ou significava, nem mesmo algum trabalho a partir delas. Ou seja, não soube o porquê de terem sido escolhidas essas músicas especificamente, naquele momento. Porém, em outro

⁶ Em anexo.

⁷ Em anexo.

dia de observação descobri que eram as músicas fornecidas pelo projeto Trilhas. O mesmo faz parte do Plano de Metas Todos pela Educação, e foi implantado em vários municípios do país que apresentaram um IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) baixo nas últimas avaliações. Fornece materiais para auxiliar na alfabetização e letramento de crianças a partir dos quatro anos de idade, embora seu foco atual sejam as crianças que estão ingressando no primeiro ano do Ensino Fundamental⁸.

De acordo com a entrevista realizada, esta docente tem nove anos de magistério, sendo três em Educação Infantil e conta com doze alunos de três a quatro anos nesta turma, e mais catorze alunos de quatro a cinco anos e onze meses, na turma em que leciona à tarde. Segundo a docente, seu trabalho é planejado através de projetos com temas e fio condutor e procura sua base teórica em Vigotsky, Piaget e Emília Ferreiro.

Conforme a entrevistada, a música entra no cotidiano de sua sala de aula em alguns momentos da rotina, como por exemplo: na hora da entrada e da saída, na hora da escovação, hora do lanche, para fazer silêncio e muitas vezes quando estão fazendo alguma atividade, ela coloca músicas para eles escutarem. Ou seja, é como diz Maffiolleti (2001, p. 134): “Na hora em que todos os alunos devem fazer algo juntos, a música aparece como uma forma de homogeneizar o tempo escolar.”

A professora acredita que a música possa contribuir para desenvolver a oralidade, a corporeidade e para relaxar. Entretanto, diz que sua formação não a preparou para o trabalho com música, pois durante o curso de Pedagogia, há apenas um componente de Arte e Educação, mas este não prepara especificamente para o trabalho com música. E, em suas pós-graduações em Educação Especial e Educação Inclusiva, também é pouco trabalhado este tema. Porém, como postulou Rubem Alves (2010): “Não se trata de formar o educador, como se ele não existisse. Como se houvesse escolas capazes de gerá-los, ou programas que pudessem trazê-lo à luz.” (p. 26) Assim sendo, muitas vezes, é necessário que haja também o interesse e a pesquisa para adquirir os conhecimentos necessários, seja nesta ou em qualquer outra área de atuação.

⁸ Disponível em: <http://oficinasdealfabetizacao.blogspot.com.br/2012/06/oigente-conformeprometido-segue-o-post.html> Acessado em: 29/04/2015.

Quando perguntada sobre quais intervenções pedagógicas ela acredita serem possíveis através da música, respondeu que servia para fazer silêncio, acalmar, fazer o lanche, escovar os dentes, desenvolver a motricidade ampla, a corporeidade e a socialização. Para Piva:

Os conhecimentos produzidos na rotina diária através da música são reelaborados pelas crianças em suas vivências. Porém, em alguns momentos eles são limitados pela falta de oportunidades que a criança tem para o desenvolvimento desta linguagem. Assim sendo, é fundamental conhecer, aproximar e identificar a importância da educação musical. (PIVA, 2008, p.3109)

Na outra sala, havia algumas músicas expostas na parede, no entanto, no primeiro dia de observação não ouvi eles cantarem ou escutarem nenhuma música, além de “meu lanchinho”⁹, como alerta Maffioletti (2001, p. 125) quando afirma: “Se seu filho está na creche, prepare-se, ele vai cantar o mínimo de cento e oitenta vezes durante o ano, uma canção parecida com esta.”

As músicas expostas na sala eram referentes à saída e ao lanche, mas a que chamou mais atenção foi a música de chegada à escola, que diz assim:

Todo mundo chegou, nesta linda escolinha.
 Todo mundo sentou na sua cadeirinha.
 Os bracinhos estão bem cruzados.
 A boquinha está fechadinha.

Ou seja, mais uma vez, a música estava apenas sendo usada como disciplinadora. No entanto, quando retornei a esta sala, a música havia sumido da parede. Era a “ordem unida” a que se referiu Maffioletti (2001), ao mencionar as músicas geralmente repetidas diariamente nas salas de aula de educação Infantil do país.

Nos outros dias, em que observava a sala ao lado, ouvi algumas músicas tocando nesta sala enquanto os alunos faziam as atividades, apenas “dei uma espiada”, pois estava mais atenta à sala em que me fazia presente naquele momento, mas pude perceber que, como aconteceu na outra turma, a docente

⁹ Em anexo.

também se preocupou em mostrar a música sendo utilizada, após eu a ter informado sobre o tema da minha pesquisa. Porém, como lembra Lino:

A noção do conhecimento em *música surge na ação da criança com a música*, cuja característica fundamental é o movimento simultâneo e sucessivo de seus elementos (duração, altura, intensidade, timbre). Assim, dentro de um processo ativo e lúdico, a criança poderá construir seu conhecimento musical, quando interagir com os objetos sonoros existentes em seu contexto social. Entende-se por objeto sonoro todo o objeto produzido ou percebido como som, desde que organizado dentro de uma perspectiva estética intencionada como música ou como ato de audição. (LINO, 2005, p. 64)

Apesar disso, nos outros dias em que observei esta sala, não os ouvi cantar ou trabalhar com nenhuma outra música, a docente apenas colocava o mesmo CD sempre para tocar enquanto os alunos desenvolviam alguma atividade. Quando perguntei que CD era aquele, fui informada que ele é fornecido pelo Projeto Trilhas que estava sendo trabalhado na escola desde o início do ano, com várias atividades de leitura e produção artística em todas as salas. Inclusive no último dia de minha observação, a preocupação estava toda na exposição que seria apresentada pelas professoras com os trabalhos dos alunos relacionados ao material fornecido por este projeto. Entretanto, Maffioletti defende que:

No contato com a música, a criança precisa aprender que um som pode se combinar com outro som, mas, principalmente, que é possível imprimir significado aos sons. É isso que fará dela um ser humano capaz de compreender os sons de sua cultura e de se fazer entender pelo uso deliberado dessas aprendizagens nas trocas sociais. (MAFFIOLETTI, 2001, p.130)

No entanto, no momento em que estava tocando o CD, não percebi nenhuma criança cantarolando ou movimentando-se durante a execução das músicas. Embora sejam canções bem populares e com uma melodia mais moderna e gostosa de ouvir, a meu ver, as crianças nem prestaram atenção, pois estavam envolvidas com o trabalho que estavam realizando naquele momento. Aconteceu que, no meio do trabalho, quando a própria docente percebeu que os alunos não estavam escutando as músicas, resolveu deixar o som bem baixinho e mal se podia escutar um ruído de música no meio da conversa das crianças. Este relato vem de

encontro ao que é afirmado pelo RCNEI (Brasil, 1998, vol. 3, p. 64) o qual enfatiza que: “O trabalho com a apreciação musical deverá apresentar obras que despertem o desejo de ouvir e interagir, pois para essas crianças ouvir é, também, movimentar-se, já que as crianças percebem e expressam-se globalmente.” Entretanto, naquele momento, elas estavam mais focadas em pintar e recortar e não podiam vivenciar a música em sua plenitude.

Esta docente é formada em Pedagogia e está no magistério há doze anos, porém, há apenas dois anos atua na Educação Infantil. Trabalha quarenta horas semanais e possui dezenove alunos nos dois turnos em que atua, faz seu planejamento baseado em projetos a partir de um tema gerador.

Segundo a entrevistada, a música entra na rotina da sala para anunciar as atividades e para trabalhar o movimento corporal. Acredita que a música pode contribuir na interação e que as crianças podem expressar-se através da descoberta de novos sons do cotidiano e do ritmo que as mesmas trazem. Para o mesmo referencial citado acima:

O gesto e o movimento corporal estão intimamente ligados e conectados ao trabalho musical. A realização musical implica tanto em gesto como em movimento, porque o som é, também, gesto e movimento vibratório, e o corpo traduz em movimento os diferentes sons que percebe. Os movimentos de flexão, balanceio, torção, estiramento etc., e os de locomoção como andar, saltar, correr, saltitar, galopar etc., estabelecem relações diretas com os diferentes gestos sonoros. (Brasil, vol. 3, 1998, p. 61)

A docente acredita que sua formação para o trabalho musical foi muito sucinta, pois não teve nenhum componente curricular que abordasse este tema, apenas a cadeira de Arte e Educação. Entretanto, pensa que várias intervenções pedagógicas podem ser realizadas através da música, como: o desenvolvimento da coordenação motora ampla, o movimento, a percepção sonora e auditiva, o ritmo, entre outros. Ainda segundo a professora, a música ajuda a refletir, a acalmar, a relaxar, e ajuda seus alunos a se expressarem de forma lúdica, animada e sem timidez. Para o RCNEI:

É muito importante que o professor perceba os diversos significados que pode ter a atividade motora para as crianças. Isso poderá contribuir para que ele possa ajudá-las a ter uma percepção adequada de seus recursos corporais, de suas possibilidades e limitações sempre em transformação,

dando-lhes condições de se expressarem com liberdade e de aperfeiçoarem suas competências motoras. (Brasil, vol. 3, 1998, p. 39)

No entanto, como postula Maffioletti (2001, p. 104), “pensar a música na educação infantil é lembrar que a criança precisa vivenciar, explorar, sentir os sons e desenvolver o sentimento e a sensibilidade musical.”

5 CONCLUSÕES DA PESQUISA

Com o intuito de verificar como as Escolas de Educação Infantil do município de Jaguarão trabalham com os conhecimentos musicais e procurando evidenciar como a música pode ajudar no desenvolvimento das diversas áreas de conhecimento, iniciou-se esta pesquisa e durante dois meses, foram realizadas seis visitas à escola observada.

Analisando o relato histórico apresentado, pode-se verificar que a maioria dos atuais professores da rede não teve em sua formação escolar a intenção da musicalização em sala de aula, visto que, isto só é posto como importante principalmente no final do século XX e início do século XXI, e a maioria foi escolarizada antes disso. Portanto, não é só nas universidades que não houve esta formação, foi praticamente em toda a sua vida escolar; e talvez por isso, não se pense tanto e não haja grande interesse pela pesquisa nesta área.

Como relatado no capítulo dois, a Lei tornou obrigatório o ensino de música em todas as escolas de Educação Básica do país desde 2012, porém, não exige dos docentes a formação específica nesta área. Todavia, penso que, se como amante da música que sempre fui e embora tenha interesse por pesquisar sobre o assunto, ainda há muito para aprender sobre o mesmo, o que acontecerá com aqueles que não possuem o mesmo interesse ou como já mencionei, iniciação musical desde cedo, como penso que tive a sorte de ter através de meus pais?

Quem não desenvolveu o gosto musical em casa ou no meio social em que cresceu, dificilmente o fará mais tarde se não houver incentivo para isto, pois como postula Guilherme (2006)¹⁰ apud Souza e Joly (2010), que o complementam.

‘A música é um dos estímulos mais potentes para ativar os circuitos do cérebro na infância. Os estudos atuais apontam que a janela musical, ou a inteligência musical, abre-se aos 3 anos e começa a se fechar aos 10 anos’(p. 158). Assim sendo, essa faixa etária torna-se o momento ideal para que ocorram os primeiros estudos musicais por meio do processo de musicalização com as crianças. (SOUZA e JOLY, 2010, p. 101)

Provavelmente por isso a música continue sendo utilizada da mesma maneira que vem sendo criticada por autores e referenciais, ou seja, como uma maneira de rotina e controle, embora saibam que isso não é o indicado, visto que, como mencionado no capítulo três, algumas atitudes foram tomadas depois que comuniquei o tema da pesquisa. Para Brito e Dias:

Os professores querem trabalhar nesse campo do conhecimento, sabem da importância da música para o desenvolvimento integral da criança e da necessidade de se introduzir a música na escola, mas, como não tiveram contato com a linguagem musical na formação inicial e não foram oportunizadas situações de aprendizagens e experiências musicais, a dificuldade se apresenta maior. Como gostar de ensinar algo que não conhecem e que consideram assunto para “especialistas”? Como irão valorizar o ensino da linguagem musical? (BRITO e DIAS, 2012, p.585)

Entretanto, muitas atitudes só são tomadas ou pensadas, no momento em que “metemos o dedo na ferida”, ou seja, quando mexemos ou espionamos e até mesmo avaliamos determinadas propostas e atitudes. Até então, faz-se apenas o que se acredita ser correto e não se reflete sobre isto. Porém, neste “jogo de xadrez” como disse Rubem Alves, somos peças que manipulam e também são manipuladas. Por isso, muitas vezes o jogo é necessário sim, para que haja algum movimento, mesmo que não seja o melhor, o mais adequado, mas pelo menos faz com que o pensamento saia da inércia e procure novos rumos, novas aprendizagens. Pois, ainda como reflete o autor: “É muito fácil continuar a repetir as rotinas, fazer as

¹⁰ GUILHERME, Cristiane. C, F, (2006). Musicalização Infantil: Trajetórias do aprender a aprender o quê e como ensinar na educação infantil. In: __ANGOTTI, M. (org.) *Educação Infantil: Para quê, para quem e porquê?* Campinas: Editora Alínea, cap. 9.

coisas como sempre têm sido feitas, como todo mundo faz. As rotinas e repetições têm um curioso efeito sobre o pensamento: elas o paralisam.” (ALVES, 2011, p. 77)

É visível essa “paralisação” nas salas de aula observadas, a música entra quase sempre como introdutora de um novo momento da rotina escolar ou como uma forma de, nas palavras de FOUCAULT (1987)¹¹, “domesticar os corpos”.

Apesar disso, sabe-se que são muitas áreas e muitos gostos pessoais que estão envolvidos na formação docente, aprende-se um pouco de quase tudo o que é necessário para o ingresso na profissão, mas não se prepara integralmente, pois não são quatro ou cinco anos de universidade que irão formar um professor interessado por esta ou aquela área, e sim toda sua vida, suas vivências, experiências, aprende-se a amar determinada “coisa” geralmente pela forma significativa que isto tem em nossa vida, como reflete Cunha.

A prática e os saberes que podem ser observados no professor são o resultado da apropriação que ele fez da prática e dos saberes histórico-sociais. A apropriação é uma ação recíproca entre os sujeitos e os diversos âmbitos ou integrações sociais. Só que elas são diferentes nos sujeitos, isto é, eles se apropriam de diferentes coisas em função de seus interesses, valores, crenças etc. (CUNHA, 2011, p.35)

Levamos para as cadeiras da universidade todo o nosso conhecimento prévio, e se neste, tivermos pouco ou nada relacionado a determinado assunto, dificilmente ampliaremos nossos conhecimentos, se não houver um bom trabalho neste sentido. Ainda segundo a autora:

Os estudos que têm sido feitos neste sentido mostram que pela educação de professores deverá passar, certamente, uma nova concepção do processo ensino-aprendizagem, que derivará da re colocação do conhecimento na perspectiva histórico-social. O crescimento da consciência crítica estará dependente de uma nova maneira de encarar a relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, que nega a perspectiva positivista, tão largamente difundida nos programas de formação de professores no Brasil. Tudo indica que para se chegar a isto é necessário caminhar por um ensino que favoreça a produção do conhecimento, ou seja, a localização dos sujeitos da aprendizagem numa perspectiva de indagação que leve ao estudo, à coleta de dados e à reflexão. (CUNHA, 2011, p. 29)

¹¹ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: História das violências nas prisões**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

Percebe-se que esta nova perspectiva realmente tem sido levada em conta em algumas escolas e universidades, entretanto, para que a musicalização aconteça da forma como é indicada, há que se ter muito mais base sobre o assunto, o que infelizmente ainda não ocorre, como postulam Brito e Dias:

(...) vale destacar que mesmo que a disciplina Artes, que compreende as quatro expressões artísticas: Artes visuais, Artes cênicas, Música e Dança, tenham sido introduzidas nos currículos escolares e nos cursos de Pedagogia, o espaço destinado à Linguagem Musical é muito restrito. (BRITO e DIAS, 2012, p. 585)

A arte musical, como todas as artes, deve ser apreendida, deleitada, porém para isso, ela precisa ter um significado, ser fruída. Conforme Rubem Alves (2011, p. 35), “Nietzsche disse que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver” então, para que isso aconteça, é preciso mostrar, ou seja, significar. Além disso, o RCNEI vol. 3 postula que um dos objetivos do ensino de música é “perceber e interpretar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio de improvisações, composições e interpretações musicais.” (Brasil, 1998, p.55) Entretanto, “Os conteúdos deverão priorizar a possibilidade de desenvolver a comunicação e expressão por meio dessa linguagem” (Brasil, 1998, p. 57). Ou seja, é necessário que os conteúdos trabalhados nesta área envolvam o aluno, façam com que o sujeito interaja com a música, a sinta, a transforme, modifique ou crie algo totalmente novo e significativo. Como cita Lino:

O som é uma onda invisível, e através da percepção tornamos esse invisível, visível, respeitando a medida do tempo no tempo da medida e de suas direções. Sendo um fenômeno sonoro, a música só pode ser pensada, construída, descoberta, manipulada, refletida, representada, produzida, etc., com sons, pois ela é presença concreta e assim se realiza. (LINO, 2005, p. 62)

Portanto, só se pode trabalhar a musicalização do sujeito, com música. Porém, a música tem de ser pensada não só como uma composição feita pelo ser humano, pois, se parmos para ouvir há músicas ou sons de todos os tipos na própria natureza, nos objetos. É preciso despertar a curiosidade, bem como citou Paulo Freire:

O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. Um ruído, por exemplo, pode provocar minha curiosidade. Observo o espaço onde parece que se está verificando. Aguço o ouvido. Procuo comparar com outro ruído cuja razão de ser já conheço. Investigo melhor o espaço. Admito hipóteses várias em torno da possível origem do ruído. Elimino algumas até que chego a sua explicação. (FREIRE, 2011, p. 85)

Entretanto, em nenhum momento de minha observação percebi um trabalho que caminhasse nesse sentido. Um trabalho que despertasse e sensibilizasse as crianças para os sons que fazem parte de nosso cotidiano, do mundo e como citou o autor, um simples ruído pode desencadear uma série de pensamentos e hipóteses até que se chegue a uma conclusão. Além disso, como citou Maffioletti (2001, p. 127), “as crianças também precisam de silêncio para povoá-lo com seus próprios sons.” Visto que, há um enorme repertório de sons que são aprendidos por todos através da televisão, dos brinquedos e de tudo o que nos cerca cotidianamente. A autora ainda diz que há recursos expressivos que são característicos de cada cultura, como as alterações da fala decorrentes de determinadas situações e alguns ruídos e interjeições características como o “pssiu” e o “hum”. As crianças também aprendem quando o “ai” é por dor ou por alívio, entre outros, e isso também deve ser analisado e discutido.

Todavia, para que todos estes conceitos e aprendizagens sejam construídas pelos docentes que irão atuar nesta área, é preciso que haja a busca por uma melhor formação pessoal. Pois, como disse Paulo Freire (2011, p. 67) “A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de *apreender* a substantividade do objeto aprendido.” (grifos do autor)

Para isso, Maffioletti (2001) e Lino (2005), entre outros, apresentam algumas sugestões de atividades fáceis e interessantes para quem deseja adquirir conhecimentos sobre a musicalização, ademais, como já citado, o RCNEI direciona o professor, para que a prática educativa nesta e nas outras áreas seja realizada de maneira simples e significativa. Conforme Cabeças:

O processo de musicalização dentro da educação infantil, não pode acontecer de qualquer forma sem planejamento, deve-se tomar muito cuidado na aplicação de atividades musicais, para que não possa privilegiar poucos e sim promover um bom desenvolvimento dos alunos. (CABEÇAS, 2010, p.12)

Porém, a análise das cenas observadas nas escolas não aponta para um planejamento que ajude na construção da musicalidade, de construir o sabor de apreciar e trabalhar com a música. Para Rubem Alves (2010, p. 134): “[...] O objetivo do saber é aumentar as nossas possibilidades de sentir sabor.” E, “A realidade da música se encontra no prazer de quem a ouve” (2011, p. 175), mas acredito que não apenas, também está no prazer de cantar e se movimentar. Portanto, quem usa seus sentidos, pode saborear de diversas formas e sentir prazer, e é este prazer que deve nos incentivar para que continuemos buscando mais, visto que, quando provamos algo que nos agrada os sentidos, a tendência é quereremos provar de novo, sentir mais uma vez, para nos saciar. Portanto, considero finalmente, que concordo com o autor, e acredito que sim, como docentes devemos proporcionar aos educandos as possibilidades para que todos sintam o prazer da musicalização, mas para que isso ocorra, é necessário que haja uma formação adequada para todos. Pois, como compôs Gonzaguinha, devemos “cantar e cantar e cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz”.

Referências

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 12ª Ed. Campinas, SP: Papirus. 2010.

_____. **Por uma educação romântica**. 9ª Ed. Campinas, SP. Papirus. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol.3

BRITO e DIAS, Maria Cristina P. e Carmem Lúcia. **A linguagem musical na formação inicial do professor de educação infantil**. Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão, Presidente Prudente, 22 a 25 de outubro, 2012.

CABEÇAS, Larissa Karen. **Musicalização na educação infantil: contribuições no processo de ensino e aprendizagem**. LONDRINA. 2010.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 23ª Ed. Campinas. SP: Papirus, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

LIMA E MIOTO, Telma C. S. e Regina C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Ver. Katál. Florianópolis, v. 10 n. esp. p. 37 – 45. 2007.

LINO, Dulcimarta Lemos. Música é...cantar, dançar...e brincar! Ah, e tocar também! 5ª Ed. In: **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança/organizadora, Suzana Rangel Vieira da Cunha**. Porto Alegre: Mediação. 2005.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. Práticas musicais na Escola Infantil. In: **Educação infantil pra que te quero?** CRAIDY E KAERCHER (orgs.) Porto Alegre. Artmed, 2001.

MARTINS E BÓGUS, Maria Cezira Fantini Nogueira e Cláudia Maria. **Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde**. Saúde e Sociedade v.13, n.3, p.44-57, set-dez 2004. In: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n3/06.pdf> Acessado em: 30/03/2015.

PIVA, Fabrícia. **Educação musical: A perspectiva de professoras da educação infantil**. UNIVALI. Disponível em: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/567_664.pdf Acessado em: 23/03/2015.

SOUZA E JOLI, Carlos Eduardo e M^a Carolina Leme. **A importância do ensino musical na educação infantil.** Cadernos da Pedagogia. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 96 - 110 , jan -jun. 2010ISSN: 1982-4440

QUEIROZ, VALL, SOUZA E VIEIRA, Daniele T., Janaína, Ângela M^a A., Neiva F. Cunha. **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde.** R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83.In: <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>. Acessado em: 30/03/2015.

ANEXOS

Coelhinho

De olhos vermelhos,
De pelo branquinho,
De orelhas bem grandes
Eu sou coelhinho.

Sou muito assustado,
Porém sou guloso.
Por uma cenoura
Já fico manhoso.

Eu pulo pra frente;
Eu pulo pra trás;
Dou mil cambalhotas,
Sou forte demais!

Comi uma cenoura
Com casca e tudo,
Tão grande ela era!
Fiquei barrigudo.

Composição: Elza Bittencourt

Os indiozinhos

Um dois três indiozinhos
Quatro cinco seis indiozinhos
Sete oito nove indiozinhos
Dez num pequeno bote

Vinham navegando pelo rio abaixo
Quando um jacaré se aproximou
E o pequeno bote dos indiozinhos

Quase quase virou

Um dois três indiozinhos
Quatro cinco seis indiozinhos
Sete oito nove indiozinhos
Dez num pequeno bote

Vinham navegando pelo rio abaixo
Quando um jacaré se aproximou
E o pequeno bote dos indiozinhos

Quase quase virou

Um dois três indiozinhos
Quatro cinco seis indiozinhos
Sete oito nove indiozinhos
Dez num pequeno bote

Um dois três indiozinhos
Quatro cinco seis indiozinhos
Sete oito nove indiozinhos
Dez num pequeno bote

Vinham navegando pelo rio abaixo
Quando um jacaré se aproximou
E o pequeno bote dos indiozinhos

Quase quase virou
Quase quase virou
Quase quase virou

Mas não virou

O Sapo não Lava o Pé

O Sapo não lava o pé
Não lava porque não quer
ele mora lá na lagoa
Não lava o pé porque não quer,
Mas que chulé!

Meu lanchinho

Meu lanchinho, meu lanchinho
Vou comer, vou comer
Prá ficar fortinho,
Prá ficar fortinho
E crescer! E crescer!

Entrevista Pré I e Pré II

- 1) Qual sua formação?
- 2) Qual seu tempo de experiência no magistério e na E. I.?
- 3) Qual sua jornada de trabalho?
- 4) Número de estudantes – idade.
- 5) Como é feito seu planejamento? Quais seus princípios orientadores e linha teórica?
- 6) De que forma a música entra em seu cotidiano de sala de aula?
- 7) De que maneira você pensa que a música pode contribuir na Educação Infantil?
- 8) Como você descreveria sua formação para o trabalho com a música?
- 9) Quais intervenções pedagógicas você acredita serem possíveis através da música?
- 10) De que maneira a música influencia a sua vida e como você pensa que a música, como Arte, pode influenciar a vida de seus alunos?